



# A Pedra Moabita, ou Estela de Meshá, rei de Moab: tradução em português e análise histórica

The Moabite Stone, or Stele of Mesha,  
king of Moab: translation into Portuguese  
and historical analysis

*Pietro de Jesus Moraes*\*

UFSC

Recebido em: 25/05/2024. Aceito em: 01/07/2024.

**Resumo:** A Estela de Meshá, mais conhecida como Pedra Moabita, é uma inscrição semítica que contém dados históricos, geográficos e religiosos sobre o antigo Reino de Moab. Hoje, somando quase 3.000 mil anos de existência, sua descoberta, feita inicialmente pelo missionário F. A. Klein e, não muito depois, resgatada pelo orientalista C. S. Clermont-Ganneau, é uma das façanhas arqueológicas mais notáveis do século XIX. Pretende-se, neste artigo acadêmico, oferecer ao leitor e pesquisador uma tradução formal seguida por uma análise histórica da antiga inscrição moabita. A tradução é feita com base na obra de Herbert F. B. Compston (1919), uma das primeiras publicações sobre o assunto; e a análise histórica é feita, sobretudo, com base no Dicionário Enciclopédico da Bíblia (1977), no Dicionário Bíblico Wycliffe (2007) e na Bíblia de Jerusalém (2002), obras ainda muito conceituadas nos ambientes teológicos. Por fim, estabeleceu-se uma correspondência entre a Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento) e algumas linhas da inscrição moabita. Além do que está proposto, constatou-se também, desde o início, a importância histórica e linguística da Estela de Meshá, não apenas para a compreensão de como os antigos sistemas de escrita alfabéticos evoluíram a partir do Álef-Bet fenício, mas também para um entendimento mais amplo da Sagrada Escritura, em particular, das relações entre Israel e os povos que habitavam no seu entorno.

\* Mestre em Estudos da Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2018). Especialização *lato sensu* em Sagrada Escritura (Centro Universitário Claretiano, 2015). Licenciado e Bacharel em Letras – Língua Inglesa (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2014).

E-mail: njmoraes.letas@gmail.com.



**Palavras-chave:** Meshá (Mesa), rei dos moabitas; escrita alfabética fenícia; antigo Israel.

**Abstract:** *The Stele of Mesha, better known as the Moabite Stone, is a Semitic inscription that contains historical, geographical, and religious data about the ancient Kingdom of Moab. Today, with almost 3,000 years of existence, its discovery, initially made by the missionary F. A. Klein and, not long later, rescued by the orientalist C. S. Clermont-Ganneau, is one of the most notable archaeological feats of the 19th century. The aim of this academic article is to offer the reader and researcher a formal translation followed by a historical analysis of the ancient Moabite inscription. The translation is based on the work of Herbert F. B. Compston (1919), one of the first publications on the subject; and the historical analysis is carried out, above all, based on the Portuguese editions of the Encyclopedic Dictionary of the Bible (1977), the Wycliffe Bible Dictionary (2007), and the Jerusalem Bible (2002), works that are still highly regarded in theological circles. Finally, a correspondence was established between the Hebrew Bible (or Old Testament) and some lines of the Moabite inscription. Furthermore, it was also noted, from the beginning, the historical and linguistic importance of the Stele of Mesha, not only for understanding how the ancient alphabetic writing systems evolved from the Phoenician Alef-Bet (i.e., alphabet), but also for a broader understanding of the Holy Bible, in particular, about the relations between Israel and the people who lived around it.*

**Keywords:** Mesha, king of Moab; phoenician alphabetic writing; ancient Israel.

## Introdução

A pesquisa contida neste artigo teológico tem como objeto de estudo a Estela de Meshá, conhecida popularmente como Pedra Moabita, uma das mais notáveis descobertas arqueológicas do mundo bíblico. Trata-se de uma grande pedra de basalto, com medidas aproximadas de 125 cm de altura por 69 cm de largura e 37 cm de espessura, conforme a descrição fornecida pelo Museu do Louvre.<sup>1</sup> Transcrevemos abaixo, em caracteres hebraicos, a primeira linha da inscrição:

אנך משע בן כמש מלך מאב

A ousada sentença – lida da direita para a esquerda – significa: “Eu sou Meshá, filho de Kemosh, rei de Moab” (Compston, 1919, p. 11, tradução nossa), e pode ser entendida como o título do documento, pois,

<sup>1</sup> Todas as características físicas do objeto foram consultadas no site oficial da instituição; cf. MUSÉE du Louvre. *Stèle de Mesha*. Paris, France. Disponível em: <https://www.louvre.fr>. Acesso em: 25 jun. 2024.



*O autor se apresenta como Meshá, rei dos moabitas, e devoto de Kemosh, o deus nacional, para quem ele construiu um santuário. Também são descritos o domínio de Israel sobre Moab e, por fim, a vitória dos moabitas. Além disso, são expostas no memorial as obras de Meshá, como a construção do palácio real, as cidades que ele edificou ou restaurou, todas mencionadas no texto bíblico (Dibon, Qorhah, Nebo, entre outras), e os reservatórios de água que cavou (Moraes, 2022, p. 100).*

Trata-se de um documento de 34 linhas redigido “no dialeto moabita-cananeu, semelhante ao hebraico bíblico” (Proel, 2013, tradução nossa). Em outros termos, assim como o hebraico e o aramaico, o texto moabita é lido da direita para a esquerda. Sua escrita também é consonantal, quer dizer, não possui as vogais, como nas línguas semíticas já citadas (van den Born *et al.*, 1977). No mais, o documento, em consequência de um feito desastroso, avarento, como se verá mais adiante (seção 1), encontra-se ilegível em alguns trechos e deteriorado nas últimas linhas.

Não menos relevante é a época da redação do texto moabita, já que o mesmo pode elucidar certos episódios bélicos registrados na Sagrada Escritura, em particular, sobre as relações de Israel com a circunvizinhança pagã. Pois,

*Sendo uma coluna ou placa de pedra, também é referida como Estela de Meshá, pois contém uma inscrição ditada por esse rei, certamente, feita por um escriba seu. Esse registro, feito em língua moabita, um dialeto semelhante ao hebraico, foi gravado pouco depois de 842 a.C. e emprega os caracteres do alfabeto fenício (Moraes, 2022, p. 99).*

O ano de 842 a.C. é uma data plausível, pois, segundo o *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, “[...] a expedição em conjunto de Jorão e Josafá [mais o rei de Edom] (2Rs 3,4-27) tiveram lugar antes da inscrição de [Meshá] ter sido redigida” (van den Born, 1977, p. 976).

Assim, o que pretendemos fazer, nas páginas seguintes, o qual já define a estrutura deste artigo, é (1) relatar sucintamente como a Pedra Moabita foi descoberta; (2) oferecer ao público uma tradução nossa da antiga inscrição; (3) fazer uma análise histórica dos principais eventos ali narrados; (4) estabelecer alguma relação entre o texto da estela e o que diz a Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento) sobre a guerra moabita.



Da Sagrada Escritura, foram citados direta ou indiretamente os seguintes livros:

### Quadro 1 – Lista alfabética de referências bíblicas

<b>2Cr</b> – 2º Livro das Crônicas	<b>Jz</b> – Juízes
<b>Dt</b> – Deuteronômio	<b>Lv</b> – Levítico
<b>Ex</b> – Êxodo	<b>Ne</b> – Neemias
<b>Gn</b> – Gênesis	<b>Nm</b> – Números
<b>Is</b> – Isaías	<b>1Rs</b> – 1º Livro dos Reis
<b>Jr</b> – Jeremias	<b>2Rs</b> – 2º Livro dos Reis
<b>Js</b> – Josué	<b>1Sm</b> – 1º Livro de Samuel
<b>Jt</b> – Judite	

Fonte: Dados organizados pelo autor.

Por fim, todos os textos bíblicos transcritos no corpo desta pesquisa foram extraídos da *Bíblia de Jerusalém* (2002), embora outras edições da Sagrada Escritura tenham sido consultadas, como suporte, conforme as anotações bibliográficas.

## 1 História da descoberta

O relato da descoberta, feito resumidamente, e as citações aqui presentes têm como fonte o clássico intitulado *E a Bíblia tinha razão...* (Pesquisas arqueológicas demonstram a verdade histórica dos Livros Sagrados), da lavra do jornalista alemão Werner Keller (1955, p. 202-204).

Corria o ano de 1868. No intuito de visitar os lugares bíblicos, o missionário Frederick Augustus Klein, nascido em Estrasburgo, França, empreendeu uma viagem pelo Oriente Próximo. Durante um passeio a cavalo pelas cercanias de Dibã, a antiga Dibon (Nm 32,34), uma grande pedra, quase totalmente encoberta pela areia, despertou-lhe o interesse. “Tratava-se indubitavelmente de escrita hebraica antiga!” — foi o que ele constatou ao descer do cavalo e examinar o objeto. “Não podia acreditar no que seus olhos viam!”

No entanto, o documento de pedra era pesado demais para o missionário levá-lo consigo. Instantaneamente, “surgira no local um bando de árabes armados [...] declarando que a pedra era propriedade sua”, e exigiram do missionário uma quantia exorbitante em dinheiro, o que ele não pôde pagar. “Klein estava convencido de haver feito um achado de importância decisiva”, razão pela qual ele marcou no mapa o local da



descoberta e, voltando a Jerusalém, seguiu viagem para a Alemanha, a fim de conseguir o dinheiro exigido pelos beduínos.

Em Jerusalém, Charles Simon Clermont-Ganneau, um arqueólogo parisiense, ao ouvir a notícia do achado, partiu sem demora para Dibã. Ele conseguiu persuadir os árabes para que pudesse “examinar cuidadosamente a inscrição” e tirar “um molde da superfície” da pedra. Alguns meses depois, em Paris, o governo francês, vendo a tradução que ele fez do antigo texto, deu a soma necessária para a compra da pedra.

Outra vez em Dibã, agora com o dinheiro, Clermont-Ganneau não encontrou mais o que buscava: os árabes, com pólvora de caça, haviam feito a pedra em pedaços, os quais foram vendidos aos “europeus maníacos por coisas antigas”. Porém, depois de uma busca incansável e muitas negociações, ele conseguiu, guiando-se pelo molde antes feito, reunir “os dois grandes blocos e dezoito lascas de pedra em que a lápide fora fragmentada”.

A partir de então, a Pedra Moabita encontra-se em Paris, no *Musée du Louvre*. E, se quisermos contemplá-la, temos que nos dirigir, prontamente, ao Departamento de Antiguidades Orientais.

## 2 Notas sobre a tradução

Seguimos, desde então, a publicação de Herbert F. B. Compston, *The Inscription on the Stele of Mesha, commonly called the Moabite Stone*, cujo título e subtítulo traduzimos, aqui, como *A inscrição na Estela de Meshá, comumente referida como a Pedra Moabita*. O autor acrescenta, logo abaixo do subtítulo, os seguintes dizeres: “Texto em moabita e hebraico, com tradução” (Compston, 1919, p. 1, tradução nossa). Nessa pequena obra, que remonta aos inícios do século XX, o autor reproduz a inscrição moabita em caracteres fenícios, exatamente como se encontra no original. Em seguida, ele a transcreve, na íntegra, em caracteres hebraicos, fazendo uma tradução acurada para o inglês, sobre a qual nos baseamos principalmente.

Todavia, guiando-nos tanto pelas notas de tradução de Compston quanto por seus comentários, tivemos o cuidado de cotejar vários pontos do nosso texto traduzido com a transcrição hebraica feita pelo mesmo autor. Para isso, como auxílio, recorremos ao *Hebrew and English lexicon of the Old Testament, with an appendix containing the biblical Aramaic*



(Brown; Driver; Briggs, 1906), cujo título de capa podemos traduzir como: “Léxico Hebraico-Inglês do Antigo Testamento, contendo no apêndice o aramaico bíblico”. Uma obra volumosa que possui incontáveis referências não só ao texto da Bíblia Hebraica, mas também a outros documentos do Antigo Oriente Médio, além de fazer várias referências ao vocabulário da Estela de Meshá.

Como temos observado, alguns nomes bíblicos de pessoas e lugares apresentam grafias variantes. Isso pode acontecer porque, nas edições como a *Bíblia de Jerusalém* (2002, p. 13), tradicionalmente, “a transcrição dos nomes próprios [é feita] com a mediação do latim [isto é, da Vulgata]” (p. ex. Fanuel). Em outras edições, como as publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil, os nomes bíblicos são, na maior parte, aportuguesados do hebraico sem antes terem sido helenizados ou latinizados (p. ex. Peniel).

Na verdade, os dois nomes exemplificados acima, ‘Fanuel’ e ‘Peniel’ (Gn 32,30), correspondem ao mesmo local e significam: “A face de Deus” (Kaschel; Zimmer, 2005, p. 125). A primeira grafia, na Bíblia de Jerusalém (*Phanuhel*, pela Vulgata), e a segunda, como consta na tradução de J. F. Almeida (A Bíblia Sagrada [ARA], 1969).

Nesta pesquisa acadêmica, em particular, em nossa tradução do texto moabita, fizemos a transliteração de alguns desses nomes bíblicos. Foi mantida, porém, a grafia em português daqueles mais conhecidos (p. ex. Israel), à semelhança do que faz a *Tradução Ecumênica da Bíblia*, que justifica o nosso procedimento como segue:

*As transcrições corriqueiras dos nomes bíblicos em português afastam-se muito da forma original. Em vista do caráter científico da presente obra, adotamos na Bíblia Hebraica uma grafia “hebraizante”. Na Bíblia Grega (= deuterocanônicos e Novo Testamento), usamos as tradicionalmente conhecidas formas “grecizantes”, que deram origem, via traduções latinas, às formas em voga entre nós (Tradução Ecumênica da Bíblia – TEB, 1994, p. XIV [seção de nomes próprios]).*

Então, para os nomes próprios transliterados do hebraico, adotamos os seguintes sinais gráficos como indicativos da pronúncia (Morales, 2022):

- o *h* soa como o *ch* alemão ou o *j* castelhano;
- o *ş* como um *ts* pronunciado rapidamente;
- o *sh* como o *x* ou *ch* em português (xícara de chá).



## Quadro 2 – Equivalência dos nomes pessoais e geográficos

<b>Bíblia Hebraica<sup>2</sup></b>	<b>Vulgata<sup>3</sup></b>	<b>Bíblia de Jerusalém</b>	<b>Almeida</b>
Ahaziá	Ohozias /k/	Ocozias	Acazias
Béser	Bosor /s/	Bosor	Bezer
Horonáim	Oronaim	Horonaim	Horonaim
Iáhaş	Iasa /s/	Jasa	Jaaz (ou Jaza)
Kemosh	Chamos /k/	Camos	Quemos (ou Camós)
Meshá	Mesa /s/	Mesa	Mesa
Moav	Moab	Moab	Moabe
Omri	Amri	Amri	Onri
Qeriot	Carioth	Cariot	Querieste
Qiriatáim	Cariathaim	Cariataim	Quiriataim

Fonte: Dados organizados pelo autor.

Ademais, no texto da Estela de Meshá aqui traduzido, adicionamos a numeração de 1 a 34 (como se fossem versículos) com o propósito de mostrar, aproximadamente, as linhas da inscrição original. Ainda, observando os critérios da língua portuguesa, organizamos o texto em oito parágrafos, no total. Os subtítulos, que não fazem parte do original, foram adicionados ao nosso texto traduzido a fim de resumir os assuntos tratados na estela.

As palavras marcadas em *itálico* também não estão no original, mas foram acrescentadas à tradução porque uma leitura fluente assim o exige, quanto à compreensão do texto em português; e aquelas colocadas entre colchetes são restaurações conjecturais de Herbert F. B. Compston. Já os três pontos espaçados [ . . . ], que aparecem principalmente nas últimas linhas, indicam os trechos onde a inscrição da estela está deteriorada.

Uma nota final significativa, no que diz respeito à nossa tradução a seguir, é sobre o uso frequente do ם (Vav ou Waw) conjuntivo no original. No hebraico, por exemplo, ele tem como função a conexão entre palavras ou sentenças, à semelhança da nossa conjunção ‘e’ (Vita; Akil, 2007). No entanto, para evitar o uso demasiado dessa conjunção no começo das frases, optamos por outros conectivos – ‘então, mas, porém, também’, conforme a intenção do texto.

<sup>2</sup> Cf. HEBREW Old Testament. London, UK: Trinitarian Bible Society, 1894/1998.

<sup>3</sup> Cf. WEBER, Robert; GRAYSON, Roger. *Bíblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007.



## 2.1 Nossa tradução em português

**Introdução** – <sup>1</sup> Eu *sou* Meshá, filho de Kemosh, rei de Moab, o dibonita. <sup>2</sup> Meu pai reinou sobre Moab trinta anos, e eu reinei <sup>3</sup> depois de meu pai. Fiz, então, para Kemosh este lugar elevado em Qorḥah, [*um santuário de*] salvação, <sup>4</sup> pois ele me salvou de todos os agressores,\* e porque me fez sobreolhar todos os meus adversários.

\* **Nota de tradução:** Isto é, os reis adversários (Anet, 1969).

**Vitória sobre os israelitas** – Omri <sup>5</sup> era rei de Israel e afligiu Moab por longos dias, pois Kemosh estava irado contra sua terra. <sup>6</sup> Seu filho (*Acab*) o sucedeu, o qual também disse: “Eu vou afligir Moab!” Assim ele disse nos meus dias, <sup>7</sup> mas eu prevaleci sobre ele e a sua casa – Israel certamente pereceu para sempre. Então Omri se apossou da terra <sup>8</sup> de Medebá, e (*Israel*) habitou ali em seus dias e na metade dos dias de seu filho: quarenta anos; <sup>9</sup> Kemosh, porém, a restaurou nos meus dias. Eu edifiquei, então, Báal-Meon e fiz um reservatório nela; também edifiquei <sup>10</sup> Qiriatáim.

Ora, os homens de Gad habitavam na terra de Atarot desde antigamente; e o rei de Israel <sup>11</sup> edificou Atarot para eles. Eu, porém, pelejei contra a cidade e a tomei – e exterminei toda a população [da] <sup>12</sup> cidade, um espetáculo para Kemosh e Moab. Eu removi de lá o altar de Davi\* e o deixei <sup>13</sup> diante de Kemosh, em Qeriot. Também coloquei lá os homens de Sharon e os de <sup>14</sup> Maḥarat.

\* **Nota de tradução:** A referência ao rei Davi é conjectural, mas defendida por pesquisadores (BÍBLIA [History Channel Brasil], 2023). A palavra, no original, possui as consoantes semíticas *dwdh*.

**A conquista de Nebo** – Depois, Kemosh me disse: “Vai, toma Nebo de Israel.” <sup>15</sup> À noite, eu saí e pelejei contra ela, desde o alvorecer até ao meio-dia. Eu a tomei <sup>16</sup> e exterminei todos *que havia* nela: 7.000 homens, *nativos* e peregrinos, assim como mulheres <sup>17</sup> e donzelas; pois para Ashtar-Kemosh eu os havia dedicado. Também peguei de lá os vasos <sup>18</sup> de Yahweh e os deixei diante de Kemosh.

**A conquista de Iáhaş** – Ora, o rei de Israel fortificou <sup>19</sup> **Iáhaş e habitou nela enquanto guerreava contra mim. Mas Kemosh o expulsou da minha presença, e** <sup>20</sup> eu peguei de Moab 200 homens, todos os seus chefes; liderei-os contra Iáhaş e a tomei <sup>21</sup> para anexá-la a Dibon.



**Atividades de construção** – Eu fortifiquei Qorḥah, a muralha de Iearim e a muralha de <sup>22</sup> Ôfel,\* e levantei seus portões, assim como suas torres. Também <sup>23</sup> construí o palácio real, e fiz os dois reservatórios de água no centro da <sup>24</sup> cidade. Ora, não havia cisterna alguma no meio da cidade, em Qorḥah. Então falei a todo o povo: “Fazei para <sup>25</sup> vós, cada homem, uma cisterna em vossas casas.” E cavei o fosso para Qorḥah por meio dos prisioneiros <sup>26</sup> israelitas.

*Ademais*, eu reconstruí Aroer e fiz a estrada principal junto ao (rio) Arnon; <sup>27</sup> reconstruí Bet-Bamot, pois ela estava destruída; reconstruí Béser, pois em ruínas <sup>28</sup> [ela se achava. E os chefes] de Dibon eram 50, pois todos em Dibon eram leais. Assim, eu reinei <sup>29</sup> [sobre] 100 nas cidades que anexei ao país. Também reconstruí <sup>30</sup> Medebá, Bet-Diblatáim e Bet-Báal-Meon; e levei para lá os criadores de ovelhas . . . <sup>31</sup> os rebanhos do país.

\* **Nota de tradução:** muralha de Iearim, isto é, ‘do bosque’ ou ‘da floresta’; muralha de Ôfel, isto é, ‘da acrópole’ ou ‘da colina’.

**Batalha contra Ḥoronáim** – Quanto a Ḥoronáim, habitavam nela . . . <sup>32</sup> . . . [E] Kemosh me disse: “Desce, guerreia contra Ḥoronáim.” Então eu descí <sup>33</sup> . . . e Kemosh a restaurou nos meus dias. E . . . de lá . . . <sup>34</sup> . . . E eu . . .

(Compston, 1919, p. 14-16, tradução nossa).

### 3 Análise histórica

O material de referência, que serviu de base para a nossa análise histórica, contou essencialmente com o *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, o qual apresenta “listas de topônimos palestinos e sírios, mencionados em textos egípcios e nas cartas de Amarna”, como propõe o redator, que também recorre a “topônimos bíblicos citados nas inscrições dos reis babilônicos e assírios” (van den Born, 1977, [apresentação]).

Ao mesmo tempo, serviu-nos de orientação o *Dicionário Bíblico Wycliffe*, um trabalho que conta com a colaboração de mais de 200 estudiosos. É um material volumoso, como a obra já referida, pois oferece ao pesquisador uma variedade incontável de dados históricos e geográficos “que constam nas Cartas de Amarna, nas Tábuas de Nuzu, no Código de Hamurabi, nos registros sumérios e na Pedra Moabita” (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007, p. V [prefácio]).



### 3.1 Sobre o parágrafo introdutório

Toda a descrição dos êxitos e realizações de Meshá, nome que, na língua dos moabitas, significava “[Deus] ajuda” (van den Born, 1977, p. 976), é feita na primeira pessoa do singular. Isso não significa que ele tenha escrito de próprio punho, mas possivelmente contou com o trabalho de um escriba ou mais, como era habitual nos palácios reais. É sabido que, na Antiguidade, em certos casos,

*[...] o autor não escrevia diretamente, mas ditava a um companheiro, que escrevia. Este era chamado escriba ou amanuense. [...] Em outros casos, o autor não ditava, mas deixava ao companheiro a tarefa de compor e exprimir as ideias do autor. Tal companheiro então se chamava redator, pois era ele quem redigia a mensagem do autor (Bettencourt, 2011, p. 17, grifo do autor).*

O rei moabita em questão se apresenta como “Meshá, o dibonita” (linha 1). Dibon (em hebraico, *Divon*), segundo o texto bíblico, foi tomada dos moabitas pelos amorreus (Nm 21,30) e, posteriormente, foi possuída pelos “filhos de Rúben e os filhos de Gad”, pois eles “tinham grandes rebanhos” (Bíblia [...], 2002, Nm 32,1, p. 250), razão pela qual foi chamada de Dibon-Gad (Nm 33,45). Porém, séculos depois, a mesma cidade, situada ao leste do Mar Morto, estava em poder dos moabitas outra vez (Is 15,2). A terra natal de Meshá tornou-se, então, a capital do Reino de Moab (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007).

Embora o nome do seu pai terreno, o rei predecessor, não seja mencionado, apenas que ele “reinou sobre Moab trinta anos” (linha 2), Meshá se declara, espiritualmente, “filho de Kemosh” (linha 1), o deus nacional dos moabitas (Kaschel; Zimmer, 2005), a quem ele edificou um santuário. A edificação desse local de culto, que o texto retrata como um “lugar elevado em Qorhah” (linha 3), é devido, sobretudo, às vitórias de Meshá sobre os reinos adversários adjacentes (linha 4). A cidade de Qorhah, também conhecida como Qeriho, é a mesma Qir-Harésset mencionada biblicamente (2Rs 3,25), e há quem a veja como a capital do reino (Keller, 1955).

Um “lugar elevado”, também designado como “altos” (Lv 26,30), à semelhança do que Meshá fez (linha 3), é um local onde se construíam altares (Kaschel; Zimmer, 2005), tanto ao Deus de Israel (1Sm 9,11-12), assim como aos deuses pagãos (1Rs 14,22-23). “Eram comuns os sacrifícios de bois e ovelhas” sobre esses altares, aos quais seguiam “refeições de sacrifícios” (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007, p. 1297). Esses pontos de adoração foram destruídos por Josias, que “começou a purificar



Judá e Jerusalém” (Bíblia [...], 2002, 2Cr 34,3, p. 623), quando esse rei empreendeu a sua reforma deuteronomista em 622 a.C.

A Bíblia Hebraica se refere ao moabitas, poeticamente, como o “povo de Kemosh” (Hebrew Old Testament, 1894/1998, Jr 48,46, p. 924, tradução nossa), que é a principal divindade desse povo semita. Em português, o seu nome é aportuguesado como Camos, na *Bíblia de Jerusalém* e outras edições católicas do texto bíblico, ou então como Quemosh, nas edições protestantes, como a de João Ferreira de Almeida (cf. Quadro nº 2).

“A religião e, conseqüentemente, a cultura dos moabitas”, segundo o *Dicionário Bíblico Wycliffe*, “eram muito semelhantes às dos cananeus”, em particular, o culto politeísta das populações cananeias (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007, p. 1296). Kemosh também era venerado com sacrifícios humanos, especialmente crianças (2Rs 3,26-27), um ritual jamais admitido pelo culto levítico (Lv 18,21), embora alguns reis de Judá, como Acáz e Manassés, o tenham praticado, segundo o relato do cronista bíblico (2Cr 28,3; 33,6).

### 3.2 Das relações entre Israel e Moab

O país de Moab estava sob o domínio de Israel desde o reinado de Omri, e o narrador atribui isso à ira do deus Kemosh (linha 5); um domínio que perdurou por todo o reinado do sucessor de Omri, referido apenas como “seu filho” (linha 6). Embora a inscrição não mencione o nome desse rei, sabemos pelo texto bíblico que ele se chamava Acab, pois, quando o referido monarca morreu, os moabitas insurgiram-se contra os israelitas (2Rs 3,5). Tal rebelião aconteceu em 853 a.C., quando Ocozias, filho de Acab e Jezabel, “tornou-se rei de Israel em Samaria” (Bíblia [...], 2002, 1Rs 22,52, p. 506).

É nessa ocasião que o rei Meshá recupera, progressivamente, antigas cidades moabitas, como Medebá (linhas 7b-9a), e alguns territórios agora ocupados por Israel (linhas 9b-10a), como Báal-Meon e Qiriatáim (Js 13,15-20). Além disso, também foi conquistada a “terra de Atarot” (Nm 32,3), habitada “desde antigamente” pelos “homens de Gad”, uma das tribos israelitas (linhas 10b-14a).

Ainda, nesse trecho da estela, há uma alusão à terceira dinastia israelita, a qual foi extirpada por Jeú (Compston, 1919), quando ele assumiu o trono de Israel e destruiu toda a descendência de Acab, incluindo “todos os notáveis, os parentes e os sacerdotes” (Bíblia [...], 2002, 2Rs 10,11,



p. 520). Uma razão, talvez, para Meshá se alegrar afirmando que “Israel certamente pereceu para sempre” (linha 7a).

### 3.3 Sobre a conquista de Nebo

Em seguida, há uma referência a Nebo, cidade que antes pertencia à tribo israelita de Rúben (Nm 32,37-38), agora conquistada pelos moabitas (Jr 48,1). A batalha, que começou à noite, durou “desde o alvorecer até ao meio-dia” (linhas 14b-15), e toda a sua população foi exterminada, como um grande sacrifício a “Ashtar-Kemosh” (linhas 16-17). Segundo o *Dicionário Bíblico Wycliffe*, trata-se de um nome composto relacionado ao “culto da fertilidade”, que resulta da combinação de Kemosh, “divindade nacional dos moabitas”, com Ashtar, “deusa cananeia da estrela-d’alva” (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007, p. 1297).

A cidade estava situada próximo ao monte homônimo, Nebo, na Transjordânia, com 800 metros de altitude (Ronis, 1982). Foi do mesmo monte que Moisés, antes de morrer, contemplou a Terra Prometida, segundo a tradição judaica (Dt 34,1-4). Também não se trata da cidade homônima localizada no Reino de Judá, que a Bíblia (Ne 7,33) refere como a “outra Nebo” (van den Born, 1977, p. 1036).

Consta, nesse trecho, uma das referências extrabíblicas ao nome do Deus de Israel, JAVÉ (Ex 6,2-3), que se acha na linha 18, ao lado direito da inscrição original:

יהוה      𐤀𐤅𐤁𐤀

As quatro letras que copiamos acima, à direita, formam o tetragrama divino grafado em caracteres fenícios, como aparece na estela, e à esquerda, quisemos mostrar a sua equivalência nas letras do alfabeto hebraico quadrático, como aparece na Bíblia Hebraica. – Ambas as transcrições acima correspondem às consoantes YHWH do nosso alfabeto (Moraes, 2022).

### 3.4 Sobre a conquista de Jazaz

Outra cidade mencionada pelo narrador é Iáhas, aportuguesada como Jazaz ou Jaza (com a letra S também; cf. Quadro nº 2), a qual se localizava nas planícies de Moab (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007). Ali, contarnos o relato bíblico, houve uma batalha entre Israel e “Seon, rei dos amorreus”, os quais foram feridos “a golpes de espada” (Bíblia [...], 2002,



Nm 21,23-24, p. 234), de tal modo que, pouco depois, Iáhas tornou-se território da tribo de Rúben (Js 13,18).

Também é informado na estela que “o rei de Israel fortificou Iáhas e habitou nela enquanto guerreava contra [os moabitas]” (linhas 18b-19). Porém, nos tempos de Isaías (15,4) e Jeremias (48,21), os Profetas Maiores, a cidade já estava mais uma vez sob os domínios de Moab (van den Born, 1977). Isso condiz com a descrição da estela (linhas 20-21a) sobre a campanha militar de Meshá contra a cidade, realizada com “200 homens [isto é, capitães]”, a qual foi bem-sucedida.

### 3.5 Das atividades de construção

Todo esse trecho descreve as obras de Meshá em prol do território nacional. O rei moabita fortificou algumas das cidades com muralhas e torres e, além disso, providenciou os portões, que eram o único acesso a essas cidades fortificadas (linhas 21b-22). O “palácio real” – ou a “casa do rei” – também foi construído (linha 23).

Também, como medida preventiva, Meshá providenciou em Qorhah um grande reservatório de água, o qual foi cavado pelos “prisioneiros israelitas” (linhas 24-25). Em geral, quando uma cidade era sitiada por um exército estrangeiro, uma das primeiras medidas dos inimigos era bloquear as fontes de água da região (Jt 7,12-13).

Na sequência, é descrita a reconstrução de mais seis cidades: Aroer, Bet-Bamot e Béser, além de Medebá (já mencionada), Bet-Diblatáim e Bet-Báal-Meon (linhas 26-30a). Em alguns desses territórios, foram estabelecidos os “criadores de ovelhas” (linhas 30b-31a), pois é sabido que a criação desses animais era a base da economia moabita (2Reis 3,4). Meshá, por exemplo, chegou a receber a alcunha de o “rei dos carneiros” (Keller, 1955, p. 195).

Ainda, é registrada a construção da “estrada principal junto ao (rio) Arnon” (linha 26). Esse córrego, cujas águas brotam dos montes de Moab e deságuam no Mar Morto (Ronis, 1982), marcava a divisa entre o território israelita e o moabita (Jz 11,18).

### 3.6 Sobre a batalha contra Ḥoronáim

Por fim, a inscrição menciona outra cidade moabita, Ḥoronáim (linha 31b), de localização incerta, talvez situada entre as regiões



montanhosas de Moab e a planície da Arabá (Pfeiffer; Vos; Rea, 2007). Ela é mencionada apenas quatro vezes nos escritos proféticos: uma em Isaías (15,5) e outras três em Jeremias (48,3 etc.).

Curiosamente, na estela, o nome da cidade está grafado com a letra *Nun* final, Ḥoronēn, e não *Mem* final, Ḥoronáim, como na grafia hebraica (Compston, 1919). Essas últimas linhas, como a nº 34, encontram-se muito fragmentadas, de tal modo que não é possível entender alguns dos eventos ali narrados. Porém se percebe que a mesma cidade, antes sob o domínio estrangeiro, foi reconquistada por Moab durante o reinado de Meshá (linhas 32-33).

#### 4 O que a bíblia hebraica diz sobre Meshá

Na *Tanakh* ou Bíblia Hebraica, a história de Meshá é relatada nos *Melakhim* (Hebrew Old Testament, 1894/1998), que correspondem aos dois *livros dos Reis*, como é costume designá-los na tradição cristã. Eis a narrativa da guerra moabita, em particular, no segundo volume (2Rs 3,4-27). Em suas *Antiguidades Judaicas*, Flávio Josefo (2002, p. 225-6), precisamente no livro IX, descreve o mesmo acontecimento, porém o historiador judeu também se baseia no texto hebraico conhecido.

Seguimos, mais uma vez, o texto da *Bíblia de Jerusalém*. O relato bíblico diz que “Mesa, rei de Moab, era criador de gado e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e cem mil carneiros com sua lâ; mas quando morreu Acab, o rei de Moab revoltou-se contra o rei de Israel [isto é, contra Ocozias e, logo depois, contra Jorão]” (Bíblia [...], 2002, 2Rs 3,4-5, p. 509). E assim, enquanto Meshá governava Moab, os reis Acab, Ocozias e Jorão reinaram, sucessivamente, em Israel (Moraes, 2022).

Formou-se, por ocasião da guerra moabita, uma coalizão um tanto incomum na Sagrada Escritura, que foi a reunião dos reis de Israel, Judá e Edom contra os moabitas (2Rs 3,9). Ali, o profeta Eliseu, inspirado pela melodia de um instrumento de cordas, aconselhou os reis na guerra (2Rs 3,15).

Dessa vez, porém, Meshá não foi bem-sucedido, embora os reis sitiados tenham desistido após a cena horrenda que presenciaram: o rei de Moab pegou, então, “seu filho primogênito, que devia suceder-lhe no trono, [e] ofereceu-o em holocausto sobre a muralha”, de tal modo que, também nos conta o narrador bíblico, “houve uma grande cólera contra os israelitas”, o que ocasionou a desistência deles (Bíblia [...]),



2002, 2Rs 3,27, p. 510). “Tão terrível espetáculo comoveu os três reis, enchendo-os de tanta compaixão que, levados por um sentimento de humanidade”, como entende Flávio Josefo (2002, p. 226), “levantaram o cerco e voltaram cada qual para o seu país”.

## Conclusão

A partir dos argumentos explanados ao longo deste artigo acadêmico, condensados agora nestas últimas linhas, compreende-se a importância da Estela de Meshá, como objeto de estudo, pelas razões que seguem:

(a) A Bíblia diz que Meshá era pecuarista e que o Reino de Moab era tributário do Reino de Israel (2Rs 3,4). Em 853 a.C., ano da morte do rei Acab, teve início o governo do seu filho Ocozias (Acázias), ocasião que Meshá aproveitou para se rebelar contra o domínio israelita (2Rs 1,1). Esse reinado durou só quase dois anos, pois “Ocozias caiu da sacada de seu aposento em Samaria e adoeceu” (Bíblia [...], 2002, 2Rs 1,2, p. 507). Seu irmão Jorão, um outro filho de Acab, sucedeu-lhe no trono em 852 a.C. (2Rs 3,1). É durante o reinado de Jorão, portanto, que ocorre a guerra moabita (2Rs 3,7). Tudo isso condiz com o texto da estela que, nas linhas 5 a 7, reporta-se a Moab como vassalo de Israel e à sua consequente rebelião. E a criação de bovídeos, como base da economia moabita, também é referida especificamente nas linhas 30 a 31.

(b) Outras guerras contra Israel também são aludidas em quase toda a estela, como vimos na análise histórica (seção 3), e a tribo de Gad é até mencionada pelo nome (linha 10), assim como o nome de Omri (Amri), o pai de Acab, que é citado duas vezes (a primeira entre o fim da linha 4 e o início da 5, e a segunda na linha 7).

(c) Só o nome de Israel enquanto nação é referido seis vezes na estela, e todas as cidades ali mencionadas, contra as quais Meshá guerreou (Medebá ou Atarot), ou então fez alguma obra de construção (Qorhah ou Báal-Meon), eram conhecidas pela Sagrada Escritura; muitas delas já mencionadas nos oráculos de Isaías ou Jeremias.

(d) Não menos importante é a contribuição que a inscrição moabita trouxe à paleografia, no que diz respeito à evolução da escrita alfabética. Sabemos que, a partir do alfabeto fenício, outros sistemas de escrita alfabética, embora consonantais, foram desenvolvidos, como o hebraico e o aramaico; sistemas mais simples que os hieróglifos da terra dos faraós



e a escrita cuneiforme do povo de Nabucodonosor. E que, séculos mais tarde, os gregos aperfeiçoaram o alfabeto dos fenícios, acrescentando-lhe as vogais (Moraes, 2022).

Enfim, a Estela de Meshá, ou Pedra Moabita, como é mais conhecida, é um complemento importante ao relato bíblico, que nos auxilia na compreensão de múltiplos fatos registrados na Sagrada Escritura, não só nos livros históricos, mas também nos livros poéticos e, sobretudo, nos proféticos. Um documento que descreve as relações entre os Reinos de Israel e Moab, célebre por seus vinhedos, um povo que produzia um vinho delicioso, “cujas uvas vermelhas subjugavam os príncipes das nações” (Is 16,8).

## Referências

A BÍBLIA Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil [ARA]. Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ANET – Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament. Edited by James B. Pritchard. 3<sup>th</sup> edition with supplement. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969.

BETTENCOURT, Estêvão. *Curso bíblico Mater Ecclesiae*. Revisão de Maria de Lourdes Corrêa Lima. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Editora Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

BÍBLIA: registros sobre o Rei Davi são identificados em monólito do século IX a.C. *History Channel Brasil*, jan. 2023. Disponível em: <https://www.canalhistory.com.br/religiao/biblia-registros-sobre-o-rei-davi-sao-identificados-em-monolito-do-seculo-ix-ac>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *A Hebrew and English lexicon of the Old Testament* – with an appendix containing the biblical Aramaic. Oxford: The Clarendon Press, 1906.

COMPSTON, H. F. B. *The Inscription on the Stele of Mesha* – commonly called the Moabite Stone. The text in Moabite and Hebrew, with translation. London, UK: Society for Promoting Christian Knowledge; New York, USA: The Macmillan Company, 1919.



HEBREW Old Testament. London, UK: Trinitarian Bible Society, 1894/1998.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Tradução do Pe. Vicente Pedroso. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. Obra completa.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão...* Pesquisas arqueológicas demonstram a verdade histórica dos Livros Sagrados. Tradução de João Távora. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

MORAES, Nirio de Jesus. *História e literatura do mundo bíblico: das origens do mundo ao limiar da terra prometida*. Vol. 1. Florianópolis, SC: UICLAP, 2022.

MUSÉE du Louvre. *Stèle de Mesha*. Collections. Paris, France. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010120339>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Trad. Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PROEL – Promotora Española de Lingüística. *Alfabetos de ayer y de hoy: alfabeto hebreo*, 2013. Disponível em: <http://www.proel.org/index.php?pagina=alfabetos/hebreo>. Acesso em: 21 maio 2024.

RONIS, Osvaldo. *Geografia Bíblica*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

THE HOLY Bible. Authorized King James Version of 1611. Oxford: University of Oxford, 1833. An exact reprint page for page.

TRADUÇÃO Ecumênica da Bíblia – TEB. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

VAN DEN BORN, A. *et al. Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

VITA, Rosemary; AKIL, Teresa. *Noções básicas de hebraico bíblico para ler e traduzir*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2007.

WEBER, Robert; GRYSO, Roger. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007.